

## **WHY LIE? : A ARTE DA MENTIRA NA VOZ DOS ADOLESCENTES PORTUGUESES**

**Marina Martins; Carolina Carvalho;**

**Instituto de Educação da Universidade de Lisboa – Lisboa, Portugal**

**[marinafcmartins@gmail.com](mailto:marinafcmartins@gmail.com); [cfcarvalho@ie.ul.pt](mailto:cfcarvalho@ie.ul.pt)**

### **Introdução**

A *Mentira na Adolescência* surge como uma temática promissora no seio de investigações recentes nas Ciências da Educação, uma vez que combina a exploração de um tema relativamente pouco estudado do comportamento humano, à definição de estratégias de intervenção em contexto escolar e familiar, que facilitam o reconhecimento e a actuação precoce dos agentes educativos.

Compilar os resultados obtidos em investigações mais amplas (M. Martins & Carvalho, 2009; M. Martins, 2009; M. Martins & Carvalho, 2010; D. Martins, M. Martins & Carvalho, 2011) e revelar um mapa geral das concepções de *mentira* dos jovens, em função de variáveis como a idade, o género e o contexto socioeconómico, é o objectivo deste trabalho que, desta forma, permite uma percepção mais objectiva e completa deste fenómeno do comportamento humano.

Em estudos anteriores (M. Martins & Carvalho, 2009; M. Martins, 2009;) procurou conhecer-se as concepções gerais que os jovens tinham acerca da *mentira*, nomeadamente *porque mentem, quando o fazem, quais os motivos, quais as formas e os principais alvos*, tendo-se verificado a existência de diferenças de género e de idade. Consideraram-se para esses estudos 118 jovens, rapazes e raparigas, entre os 12 e os 17 anos de idade, que responderam a um inquérito bifaseado, inicialmente sob a forma de entrevistas estruturadas (M. Martins & Carvalho, 2009) e posteriormente num questionário de resposta fechada (M. Martins, 2009), onde foi possível, através de análises de conteúdo, encontrar respostas ao problema central das investigações: *Quais as concepções que os jovens têm acerca da mentira, consoante o género e em diferentes momentos do seu percurso escolar?*

No seguimento dos mesmos estudos, um outro posterior (M. Martins & Carvalho, 2010) surgiu na mesma linha de investigação, com o intuito de verificar se a proveniência social dos jovens em questão também poderia ter influência nas suas concepções de *mentira*. Procedeu-se então à aplicação dos questionários anteriormente utilizados a 202 jovens, no mesmo intervalo de idades e também de ambos os géneros, mas provenientes de três instituições escolares de Lisboa, distintas do ponto de vista socioeconómico.

## Enquadramento Teórico

“A *Mentira* faz parte da nossa vida enquanto peça fundamental da nossa personalidade, da nossa vivência, na nossa forma de nos relacionarmos com o mundo.” (M. Martins & Carvalho, 2009, p.2090). No entanto, de acordo com Manen e Levering (1996) mentir é uma acção aprendida e culturalmente trabalhada, “um fenómeno adquirido e cultural” (p.181), pelo que aprender a utilizá-la exige observação, treino e capacidades cognitivas e de raciocínio minimamente desenvolvidas. Desta forma, não é inato mas cedo se aprende a distinguir o bem do mal, ainda que sem a noção das consequências que o acto de mentir pode trazer, nem consciente da carga moral inerente a essa acção.

À medida que o ser humano se desenvolve, vai adquirindo do meio que o rodeia, noções de limite entre o que é correcto ou permitido e o que se torna condenável ou indevido. Na adolescência, numa fase em que se verifica já a moralidade autónoma (Piaget, 1932) que permite a distinção do valor das acções e ponderação das consequências das mesmas sobre si e sobre o outro, a mentira surge como subterfúgio às perguntas inconvenientes e às explicações difíceis que o jovem por vezes tem de enfrentar (M. Martins, 2009). O seu padrão de utilização, a forma como é reconhecida, avaliada, aplicada, assim como as consequências morais e sociais que se lhe prevêm e atribuem, podem ser espelho do desenvolvimento moral do indivíduo numa determinada fase de vida que, segundo a teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg, vai evoluindo por estádios, de uma situação hedónica e egocêntrica para um estado de progressiva descentração pessoal e justiça social (Lourenço, 2002).

As diferenças de género, estudadas ao longo dos tempos, revelaram distinções cerebrais significativas em termos valências cognitivas associadas aos papéis sociais historicamente instituídos ao Homem e à Mulher (Gurian, 2001), nomeadamente de velocidade de processamento de informação, tipo de raciocínio, linguagem, captação de sinais ou mensagens subliminares e capacidade de concentração. “... ambos, rapazes e raparigas, aprendem coisas diferentes, de formas diferentes, em “timings” diferentes aparentemente devido a factuais diferenças de desenvolvimento, tanto estruturais e químicas, como hormonais e funcionais do cérebro”. (M. Martins, 2009, p.47)

Normalmente, os rapazes e as raparigas apresentam diferenças ao nível de aptidões e competências nas áreas preferencialmente abrangidas pelo seu hemisfério cerebral mais desenvolvido, verificando-se nos rapazes uma linguagem mais objectiva e um raciocínio sobretudo dedutivo, abstracto e simbólico, enquanto que nas raparigas existe um vocabulário descritivo e detalhado, e um raciocínio mais concreto e indutivo. (Gurian, 2001).

Desta forma, reconhecendo a utilização consciente da *mentira* enquanto acção reveladora de competências de lógica, comunicação e raciocínio elevadas, procurou perceber-se se também ao nível das concepções de mentira se verificariam diferenças de género nos adolescentes.

Num contexto sociocultural, onde a verdade e a justiça são valores fundamentais, mentir torna-se uma manifestação condenável do ponto de vista ético e uma expressão moralmente reprovável. No entanto, vivemos cada vez mais num meio multicultural, onde as diferenças sobressaem, os valores divergem e os interesses colidem, gerando-se muitas vezes, padrões de intolerância incompatíveis com uma convivência de harmonia e de respeito interpessoal.

A comparação de valores morais entre contextos sociais diversos, neste caso específico, associados aos padrões de concepção e recurso à *mentira*, poderá revelar-se interessante e fundamental para a compreensão de atitudes e manifestações tão distintas face a factos comuns e ao reconhecimento do direito à diferença de opinião. “É nos valores embrionários da coexistência de vida humana, como a verdade, a justiça ou a igualdade, que se reflecte a plenitude de toda uma sociedade.” (M. Martins, 2009, p.5)

Todo o normal processo de construção pessoal do ser humano é fortemente influenciado pelas características intrínsecas do meio onde este se insere e desenvolve, nomeadamente (e inevitavelmente) a capacidade económica e consequentes prioridades pessoais, as expectativas para o futuro (tantas vezes condicionadas pela situação social) e as restrições culturais ou religiosas, entre outras. A dimensão sociocultural de uma família representa, só por si, um poderoso factor explicativo das desigualdades de oportunidades escolares entre os educandos (Nogueira, 2005), as quais influenciam e se tornam fundamentais na construção da identidade dos jovens e em todo o processo de desenvolvimento moral e social, que ditará a sua relação com o mundo exterior. À medida que se sobe na hierarquia das classes sociais, as famílias tendem a caracterizar-se como cada vez mais promotoras de ambientes familiares estimulantes e favoráveis à escolarização (Nogueira, 2005).

Desta forma, partindo do princípio que numa sociedade como a nossa, segmentada em grupos hierarquizados do ponto de vista económico, poderão verificar-se diferenças nos aspectos que são valorizados em termos de desenvolvimento pessoal e de relação social, emergiu também a pertinência de procurar compreender se os valores passados entre gerações, serão propiciadores de diferenças nas concepções morais associadas à *mentira*, em grupos sociais distintos do ponto de vista socioeconómico.

“A distribuição dos sujeitos numa determinada pirâmide hierárquica leva-os a um acesso diferenciado a princípios de reconhecimento e de realização de contextos específicos” (Morais & Miranda, 1996, p.89).

## Resultados

Da triangulação dos dados obtidos nos diferentes estudos inicialmente apresentados, baseados na influência que as variáveis *idade*, *género* e *contexto socioeconómico* têm sobre as concepções gerais de mentira dos jovens, foi possível esboçar o seguinte quadro geral de resultados:

Quadro I - Mapa geral das Concepções de Mentira, em função das variáveis de estudo*								
Variáveis de Estudo	Idade (média)			Género		Contexto Socioeconómico		
	12	14	17	Masculino	Feminino	Baixo	Médio	Alto
Concepções de Mentira								
Definição de Mentira <sup>1</sup>								
Alvos de Mentira <sup>2</sup>								
Motivos para a Mentira <sup>3</sup>								
Conteúdos da Mentira <sup>4</sup>								
Formas de Mentira <sup>5</sup>								
Consequências de Mentira								
Voluntariedade da Mentira								
Utilidade da Mentira <sup>6</sup>								
Tipo de Raciocínio Moral <sup>7</sup>								
<b>Legenda:</b>								
<sup>1</sup> O que se entende por mentira?								
<sup>2</sup> A quem se mente mais?						Não existem diferenças		
<sup>3</sup> Porque se mente?								
<sup>4</sup> Sobre o que se mente?						Existem diferenças		
<sup>5</sup> Como se pode mentir?								
<sup>6</sup> Para que serve a mentira?								
<sup>7</sup> Identificado apartir das justificações dadas nos diferentes padrões de Mentira considerados.								
* Informações mais detalhadas sobre os resultados gerais acima apresentado no quadro I, podem ser consultados nos trabalhos de M. Martins (2009), M. Martins e Carvalho (2009) e M. Martins e Carvalho (2010), já anteriormente mencionados.								

Pode-se inferir, a partir do quadro I acima apresentado, que existem diferenças nas concepções de *mentira* de entre as diferentes idades consideradas no estudo, no que diz respeito aos motivos, consequências, voluntariedade e utilidade da mentira, assim como ao tipo de raciocínio moral. À medida que avança na idade, o jovem torna-se mais capaz de interpretar a *mentira* de um ponto de vista descentrado do “eu” e da necessidade de satisfação imediata e material das necessidades pessoais, e foca-se progressivamente, na responsabilidade social e cuidado para com o outro, factos que vão de encontro aos conceitos defendidos por Piaget (1932) sobre a aquisição de uma moralidade autónoma a partir da adolescência, bem como de Kohlberg relativamente à progressão hierarquizada e unidireccional dos estádios de desenvolvimento moral (Lourenço, 2002).

Apesar de pouco explícito, parece existir algum indício de possíveis diferenças nas concepções de *mentira* consoante o género, nomeadamente no que diz respeito aos conteúdos e aceitabilidade das consequências da *mentira*, pelo que se julga necessário o desenvolvimento de um novo estudo mais centrado nos efeitos desta variável na temática trabalhada, de forma a confirmarem-se resultados mais sequentes aos dados apresentados por Gurian (2001) e mais concordantes com as expectativas iniciais.

No que diz respeito à variável contexto socioeconómico e salvaguardando-se à partida qualquer juízo de valor ou indício de tentativa de estabelecimento de relações causais directas entre classes sociais e estados de desenvolvimento moral, social ou cognitivo, pensa-se haver indícios que apoiam as expectativas iniciais de que, os jovens das classes mais favorecidas (apoiados por uma panóplia de recursos e ensinamentos característicos dessas classes que também nesse aspecto se distinguem das restantes) tendem a apresentar um conjunto de respostas (associado às noções e concepções de *mentira*) mais reveladoras, segundo a teoria de Kohlberg (Lourenço, 2002), de estádios mais avançados do desenvolvimento moral. Nos meios menos favorecidos, os jovens revelam uma atitude bastante egocêntrica e hedonista relativamente a várias facetas da *mentira*, nomeadamente em questões relacionadas com a gravidade, as consequências e os benefícios que dela podemos retirar, já nos contextos sociais mais protegidos, se verifica uma maior preocupação para com os pares e para com os outros, independentemente da situação própria. Verifica-se que é entre a classe social mais baixa e as restantes, que se sente um distanciamento mais acentuado, não se verificando o mesmo quando estabelecemos comparação entre as classes média e alta.

Poderá isto significar que as distintas vivências que os jovens experimentam nas diferentes classes sociais de onde provêm, (os locais que frequentam, os assuntos que discutem entre família e amigos, a forma como ocupam os seus tempos livres ou as pessoas com quem partilham experiências) e os valores e normas daí assimilados, poderão efectivamente influenciar posturas morais claramente distintas do ponto de vista da interpretação e recurso da *mentira*?

## **Conclusões**

Destaca-se pela transversalidade às três variáveis de estudo, a noção apresentada por qualquer um dos participantes de que a *Mentira*, embora por vezes utilizada e empregue para proveito próprio, é socialmente condenável e desconsiderada do ponto de vista ético. Este facto reafirma o tom depreciativo que esta acção desperta, no quadro global de valores morais.

Salientam-se ainda, da discussão de resultados apresentada em cada um dos estudos originais (M. Martins & Carvalho, 2009; M. Martins, 2009; M. Martins & Carvalho, 2009) duas questões centrais e cruciais no processo de desenvolvimento do adolescente: a fragilidade da relação

“adolescente-família”, considerada pelos jovens como insegura em questões de confiança e honestidade, assim como na partilha de experiências marcantes na sua vida, facto que talvez justifique que os pais sejam os principais alvos de *mentira* da maioria dos jovens, independentemente das variáveis consideradas; e ainda o papel social do “Pai” na família actual, que permanece insuficiente e distante no ponto de vista emocional e afectivo dos jovens, sendo a figura familiar a que menos recorrem para confidenciar.

Verifica-se que são os assuntos centrais do desenvolvimento dos adolescentes, que permanecem tabus no seio familiar, nomeadamente a sua intimidade, os seus vícios e desempenhos escolares, que se tornam os principais motivos do recurso à mentira para com os pais.

A necessidade de integração num grupo de pares e o receio de ficar mal visto perante os amigos são os principais factores influentes na relação social dos jovens, sendo os amigos e os irmãos, as figuras a quem os jovens menos mentem e em quem mais confiam.

Os professores surgem como a figura social (da sua rotina) em quem os jovens menos confiam, sendo situações de incumprimento de tarefas escolares e sentimentos de culpa e vergonha, os principais cenários de atrito.

Acredita-se que uma relação mais próxima e cooperante entre a Escola a Família, onde pais e professores se envolvessem a fundo na formação dos seus jovens, através de reuniões e encontros, mais frequentes e menos formais, poderia contribuir para a diminuição do número e do tipo de situações que levam os jovens a recorrer à *mentira*.

### **Referências Bibliográficas**

- Almeida, A. N. (2005). *O que as famílias fazem às escolas...pistas para um debate*. In *Análise Social*, vol. XL (176), p. 579-593.
- Gurian, M. (2001). *Boys and girls learn differently!*. São Francisco: Jossey-Bass.
- Lareau, A. (1987). *Social class differences in family-school relationships: the importance of cultural capital*. In *Sociology of Education* vol. 60 (april), p. 73-85.
- Manen, M. & Levering, B. (1996). *O segredo na infância: intimidade, privacidade e o self reconsiderado*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, M. (2009). *Os Jovens e a Mentira: Um estudo centrado em diferentes momentos do percurso escolar*. Tese de mestrado inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências.

- Martins, M. & Carvalho, C. (2009, Setembro). *Os Jovens e a Mentira: Um estudo centrado em diferentes momentos do percurso escolar*. Livro de Resumos e Actas (CD-ROM) do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga.
- Martins, M. & Carvalho, C. (2010, Julho). *A Mentira na Adolescência: Uma análise baseada no Contexto Social*. Livro de Resumos e Actas (CD-ROM) do I Seminário Internacional – Contributos das Psicologia em Contextos Educativos, Braga.
- Martins, D., Martins, M. & Carvalho, C. (2011, Abril). *Algumas Verdades sobre as Mentiras: uma perspectiva com alunos portugueses*. Livro de Resumos e Actas do VI Congresso Internacional de Psicologia y Educación, Valladolid, Espanha.
- Lourenço, O. M. (2002). *Desenvolvimento sócio-moral*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Miranda, C. & Morais, A. M. (1996). *O Posicionamento dos alunos na escola e na sociedade – influência dos contextos sociais da escola e da família*. In Revista de Educação, vol. VI (1), p. 89-98.
- Nogueira, M.A. (2005). *A relação família-escola na contemporaneidade: fenómeno social/interrogações sociológicas*. In Análise Social, vol. XL (176), p. 563-578.
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Sprinthall, N. A. & Collins, W.A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (3ªed.) (C. M. Coimbra Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Trabalho original em inglês publicado em 1988.)
- Vivar, D. M. (2002). *La mentira infantil: diagnóstico e intervención psicopedagógica*. Tese de doutoramento inédita. Málaga: Universidad de Málaga, Departamento de Métodos de Investigación e Innovación Educativa.
- Valente, M. O. (2002). *A escola e a educação para os valores – antologia de textos* (3ª ed). Lisboa: Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.